



O VILAVERDENSE

Na intenção de Deus, os pais são os primeiros educadores de seus filhos.

PIO XII

Quinzenário Regionalista

Director e Editor: Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Propriedade de Nossa Senhora do Alívio

Redacção e Administração — Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA | VISADO PELA CENSURA | Composto e impresso na Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA

Depois do roubo...

Não obstante o Primeiro Ministro indiano ter tido a pretensão de se apresentar, perante o confuso ambiente internacional, como mensageiro da paz, apregoando mascarados desejos no sentido dos povos desavindos resolverem os seus problemas por meios pacíficos, o caso da Índia portuguesa — autêntico roubo à mão armada, praticado pelo negativo pacifista — fez-lhe desaparecer a máscara da hipocrisia e, então, em vez de apóstolo da paz, como se rotulava, apareceu a proclamar a guerra contra a soberania de Portugal, praticando o roubo mais repugnante de que há memória, uma vez que nada o poderá justificar, sobretudo pela forma como foi executado.

Com um exército numeroso e constituído por forças de terra, mar e ar, o sr. Nehru julgou-se um herói forte e arrojado com a vitória de vencer uma resistência defensiva dez vezes menos, pelo menos, em potencial humano e também sem comparação possível em material bélico.

Porém, o traidor e sanguinário desmascarado, dominado pela loucura de possuir azas de ave rapina, levantou voo até aos nossos territórios de Goa, Damão e Dio, onde a sua camarilha assaltante o brindou com a carne e o sangue das suas vítimas para lhe matar a fome e a sede da sua cobardia e da sua traição.

E assim consumado o roubo, previamente preparado por ele, lobo que se enfeitava com pele de cordeiro, toda a opinião pú-

Por MÁRIO MENESES

blica do mundo livre e civilizado o tem condenado nos termos mais severos e mais causticantes, desde charlatão a bandido.

Mas, apesar de tudo, a nossa Índia continuará a constituir uma parte integrante da alma nacional, sobretudo porque é invocadora de um passado glorioso ao qual estão ligados nomes de santos e de heróis, entre os quais S. Francisco Xavier, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, D. João de Castro, etc.

Por isso, nem o sr. Pandita nem os seus sequazes, alguns dos quais pontificam, infelizmente, na chamada Organização das Nações Unidas, Organismo cuja esterilidade e cuja parcialidade já é bem manifesta, serão capazes de fazerem desaparecer da nossa História a honra e o prestígio do nome de Portugal. E porque assim será, as chagas agora abertas na alma e no coração de todos os bons portugueses espalhados pelo mundo deixarão de sangrar quando regressarem ao Património nacional os territórios invadidos, isto é, Goa, Damão e Dio, que há mais de 450 anos passaram a ser portugueses.

De resto, trata-se de um roubo que a própria justiça do tempo mandará restituir ao seu legítimo dono — PORTUGAL!

ATÉ QUE ENFIM...

Também é feita justiça à VILA DE PRADO

Por FERNANDES PEREIRA

A Ex.ª Câmara Municipal, na intenção justa de alargar a sua acção a todo o Concelho, vai procurando atender, hoje, os assuntos mais palpitantes há muito reclamados mas protelados sem razão.

Entre esses, está o « caso » do jardim de Prado que tem servido de « Caval de Tróia » para criar um movimento de antipatia a respeito da sede do Concelho com o qual até a causa nacional, infelizmente, tem sofrido. O certo é que não estamos, dado o momento histórico que vamos vivendo, para desuniões pois só unidos todos seremos capazes de levar de vencida os inimigos internos e externos cujo objectivo é, em primeiro lugar, criar a discórdia e um ambiente de desconfiança mútua.



A petizada espera bancos novos...

O senhor Adérito Martins Barreto, desde a primeira hora que tomou as rédeas da presidência da Câmara mais não tem feito que conjugar, sem parcialidade, as justas reclamações que lhe são feitas quer venham de Gómide ou de Cervães, de Valbom ou Pedregais. E não fosse a Câmara de Vila Verde de poucos recursos e nós veríamos o Concelho passar, sem delongas, por uma rápida fase de progresso dada a sua boa vontade e espírito de iniciativa.

E entre os assuntos que lhe têm merecido especiais cuidados está o jardim de Prado. Poderão alguns inconscientes dizer que há assuntos de maior interesse e necessidade: estradas a fazer, estradas a concertar, fontanários, electricidade, etc. etc.

Mas é preciso não esquecer que, acima de tudo, o brio do Município não pode estar em cheque dado que é um jardim Municipal que serve de sala de visitas de uma Vila onde, sobretudo no verão, a cidade de Braga para ali vem veranejar, onde passam milhares de turistas no decorrer do ano, e um local servido com oitenta e uma (81) carreiras diárias!!!

E qual a impressão que levam de nós?

Ainda há pouco um casal francês ali estacionou para passar uns momentos junto do rio e estranhou bastante que esta terra fosse diferente das outras, pois por toda a parte admirou como em Portugal se cultivava tanto a beleza natural que o levava

(Continua na quarta página)

Qual a razão porque não é construído o Hospital de Vila Verde

Um Concelho de 40.000 habitantes desiludido?

Um povo

Critique-se como se quiser, mas uma coisa é certa — toda a Nação é devedora ao Estado Novo pelos inumeráveis serviços que fizeram um período bem feliz da história pátria.

Porém e Governo do Estado Novo também é devedor ao povo do Concelho de Vila Verde, porque, se encontrou povos devotados com todo o sacrifício à obra de restauração nacional, nenhum mais do que o vilaverdense.

Em nenhuma contingência, perante os melhores sacrifícios, mesmo quando muitos titubaram, os vilaverdenses, num consenso unânime, como não julgo que possa existir quem se lhe assemelhe, em passos firmes em atitudes bem explícitas, marcaram o seu epólio à política nacional.

Povo profundamente nacionalista e crente nos mais altos princípios cristãos são esses vilaverdenses das margens do Homem e Cávado, da Ribeira do Neivo, dos altos da Portelo.

Agarrado à sua terra, vivendo de uma lavoura desorganizada e empobrecida, tem as suas aspirações e que deu toda a sua alma, e quem vinculou o seu coração.

Não tem o suficiente para viver, não exige grandes estradas ou caminhos. Homens de altos sentimentos como o Doutor Alvaro da Costa Machado Villela e outros criaram-lhe um Hospital, em humildes aposentos, mas que, pela sua grandiosa obra assistencial conquistou o reconhecimento do povo.

Prometeu-se-lhe um novo edifício condigno para as instalações: vive, sonha e acorda desiludido.

Será por tudo isto que o Concelho de Vila Verde é postergado na sua melhor e mais justa aspiração?

Porque razão não é construído o Novo Hospital?

Há mais de dez anos que foi prometida a construção do novo Hospital pelas Entidades Oficiais em regime de comparticipação.

Há anos, o Senhor Subsecretário de Assistência, senhor doutor Melo e Castro, num seu despacho sobre esta construção, dizia que era necessária para serviço de assistência a este povo de 40.000 habitantes, e ainda porque um grande servidor do país e do Estado Novo, o Doutor Alvaro da Costa Machado Villela, pôs nessa realização todo o seu esforço e a sua máxima aspiração com o povo da sua terra. Dizia que essa seria a melhor forma de homenagear tão nobre personalidade que contribuiu para a firmeza dos princípios internacionais do direito que regem os povos civilizados, que elevou nos aréopagos internacionais a sua voz pelos nossos sagrados direitos.

Porque grandes servidores do Estado Novo se consagraram a esta obra, porque um povo do Estado Novo quer, é por isso que não é feita? Não o cremos.

Porque razão terras menos importantes, menos populosas, sem uma obra assistencial como a do Hospital de Vila Verde, conseguiram fazer o seu Hospital e Vila Verde não?

De quem é culpa?

Não é nosso intuito fazer aqui recriminações, prender ninguém ao pelourinho dum povo por motivo que não é seu sentimental, mas é de inteira justiça.

Não me venham para cá com ideias de construções hospitalares à semelhança da Europa Ocidental ou da de leste, fugindo ao regionalismo. Não temos a nossa estrutura assistencial própria, tradicional, fundamentada nos Misericórdias regionais, embora modernizados, mas sem destruir as suas características. A nossa assistência é do Estado e do povo para o povo.

(Continua na quarta página)

Cursos de Catequese

Em todo o arquipélago de Vila Verde principiaram, no dia 11, cursos de catequese nos diversos locais já designados. Começaram com entusiasmo. Só em Prado estavam presentes cerca de 250 catequistas e em Vila Verde, outras tantas!... e esperamos terminar com muito fruto. A catequese tem nas mãos a reforma cristã da sociedade.

VOANDO ATÉ AO BRASIL

Abraço de Amizade entre portugueses e brasileiros

VI

por Severino P. Fernandes

Tivemos hoje, 29 de Setembro, (andamos muito atrasados... questão de espaço!) o prazer de subir ao Pão de Açúcar, num teleferico que nos guindou pelos ares fazendo uma breve escala no Morro da Urca.

Como uma sentinela altaneira, o Pão de Açúcar domina a baía.

Daí se tem uma visão admirável do Rio de Janeiro, vendo-se ao pé a Praia Vermelha, teatro de gloriosas tradições, os Fortes da Lage e de S. João, o bairro Flamengo — um dos bairros mais elegantes e tradicionais de Guanabara — a Avenida Beira-Mar Botafogo e a Praia Vermelha, donde partimos para a escalar esses 400 m. de altitude.

De tarde, depois de uma visita ao nosso Consul Geral, Dr. Pinto de Mesquita, fomos recebidos na Assembleia Legislativa onde foram trocadas várias saudações de alto significado político. Usaram da palavra os deputados Saldanha Coelho, líder da oposição e Eliomar Malheiro, da união democrática brasileira.

Da nossa parte, agradece o Presidente da Câmara de Esposende a confirmar os laços que nos unem ao Brasil, tão brilhantemente recordados na Assembleia pelos ilustres deputados, afirmando haver em Portugal nada menos de 99 000 portugueses com laços íntimos de sangue no Brasil.

(Continua na 4.ª página)



Ó jovem, flor da vida, já pensaste Que um dia, há muitos anos, uma Estrela Brilhara sobre ti, sem poderes vê-la, E desse terso brilho tu brotaste?

Já reparaste nessa linda Aurora Qu'emanava da pureza duma jovem? Quanto de luz, de brilho e graça a cobrem! Quanto d'alvura no seu peito mora!

Já reparaste na flor desfolhada Abandonada ao canto de um jardim, Que mal desabrochou em seu carmim Já fora da beleza despojada?

Ó pensa! entra em ti mesmo e repara Nessa donzela que passa a teu lado; Não é um instrumento do pecado, É filha, noiva, irmã, beleza rara!

Defende essa donzela pura e nobre Da lava da torpeza e corrupção. Respeita-a, que o seu niveo coração Transformar-se-á um dia em celso alfofre.

Do teu respeito e teu amor sublime Por esse ser bendito e adorável, Há-de sair o embrião durável Da paz, doce apanágio que redime!

Tu és o cavalheiro; ela o par. Tu és a força, ela o coração. Mas ai de ti, se um dia ela chorar As lágrimas da tua vil traição!

O sexo forte doou-te o Criador P'ra defenderes a débil criatura. Defende-a pois; defende-a, porque é pura, Defende-a porque é Obra do Senhor!

GOTA D'ORVALHO



No Palácio de Estado de Guanabara, Carlos Lacerda recebe a caravana minhota

NOTAS DE LISBOA

EVASÃO

Tencionava escrever hoje sobre assuntos de natureza económica mas decidi tratá-los noutra altura. Nos últimos tempos, por dever de ofício, tenho-me ocupado muito desses problemas e portanto sinto-me naturalmente inclinado a escolher outros absolutamente diversos. Referir-me-ei à nova temporada de ópera no Teatro Nacional de São Carlos que é (tal como nos anos anteriores) uma das mais expressivas manifestações artísticas de Lisboa. Ora a arte é sem dúvida um dos grandes meios de «evasão» das realidades, prosaicas ou duras, de dia a dia. O próprio Artur Schopenhauer, e filósofo de pessimismo moderno, defendeu sobre a arte uma teoria curiosa, baseada nos seguintes princípios: a vida é esforço e todo o esforço é doloroso; no Mundo tudo é dor e a dor resulta da vontade e dos desejos, que são insaciáveis. Há porém um fenómeno que momentaneamente nos arranca à dor porque, momentaneamente também, acalma a dor e os desejos: esse fenómeno é a arte.

As teorias de Schopenhauer são inaceitáveis e é até lícito duvidar da sinceridade com que ele as expendeu, já que, na sua vida particular, se registam importantes aspectos manifestamente contrários às mesmas teorias — as quais chegam a parecer uma adaptação da filosofia budista. Ribot via mesmo, em Schopenhauer, um budista perdido no Ocidente.

Quanto à arte é certo o homem encontrar nela uma harmonia interior extraordinária, mas esta não parece resultar da abolição momentânea da vontade e dos desejos. O mecanismo psicológico é sem dúvida muito diferente. Num estudo sobre a poetisa argentina Paulina Simoniello, tive ocasião de apreciar o assunto, que, num simples artigo de jornal, não desenvolver.

Salientarei apenas que a ópera é das mais completas manifestações de arte porque, como afirmou Wagner, «a arte perfeita, a arte que pretende revelar o homem integralmente, exige sempre três meios de expressão: o gesto, a música e a poesia» (afirmação transcrita por Albert Lavignac, no seu conhecido livro «Le Voyage Artistique à Bayreuth»). Este parecer verdadeiro em relação a qualquer ópera, é-o particularmente quanto ao dramamúsical alemão, no qual a palavra se conjuga intimamente com a música para formar um todo através do qual se exprime a essência da obra. Na ópera italiana já não é assim: a palavra não perde a autonomia e a orquestra actua para a acompanhar, segundo a velha tradição musical, também italiana, que estende as suas raízes aos princípios do século XVII.

Entre as obras-primas de Shakespeare, conta-se, como se sabe, o «Otelo». Rossini, e, mais tarde, o grande Verdi, transpuseram aquela obra para a ópera, através de música baseada em libretes, respectivamente, do Conde Berio e de Arrigo Boito. O Otelo era um general mouro que assassinou Desdémone, sua mulher, movido pelo ciúme, apesar de esta, na realidade, ser profundamente virtuosa e leal. A intriga caluniosa foi tecida por um traçozeiro e arguto indivíduo chamado Iago.

Embora o ciúme infundado e levado a tal extremo, seja, como está hoje demonstrado, de feição patológica, na obra em referência ele é apenas e fruto do carácter miserável de Iago.

Ora é evidente que a exteriorização do amor, do ódio, da dúvida, da traição, do desespero, do ciúme, é

muito mais viva através das palavras, da mímica e da música, do que só através das primeiras. Esta ópera que apresento como exemplo, não faz parte do programa do ano corrente: mas os frequentadores do São Carlos nunca a poderão esquecer, sobretudo na interpretação magistral que há anos lhe deram os notáveis cantores (e actores) Ramon Vinay («Otelo») Rina Malatradi («Desdémone») e Tito Gobbi («Iago»).

— Afinal reparo que estou a afastar-me do sentido habitualmente ligeiro e desenfastado destas «Notas».

Falei em «evasão» e também levado pela ópera, esta prosa barata não é mais que uma fuga passageira ao ramarrão diário. As vezes todos sentimos esta necessidade. Ainda há dias um amigo meu tinha na pasta, onde só deviam existir estetoscópios e bisturis... uma tesoura de poda! Ia passar o domingo a uma propriedade dos arredores e podar umas pequenas árvores — que é agora a altura própria. No fundo, mais uma «evasão» à rotina profissional.

Essa tesoura devia ser mais útil a «podar» as línguas dos muitos Iagos, infelizmente espalhados por todos os cantos do Mundo, do que a podar as árvores do médico que (tenho a certeza) ficaram irremediavelmente mutiladas! Aos que porém não possam cortar línguas e sejam objecto de rasteiras insinuações de tais Iagos que, — medíocres ou impotentes — não resistem a analisar os factos ou as aparências através de primas deturpadoras ou de critérios que não conseguem atingir a profunda realidade das coisas, sempre direi que devem ter o espírito aguçado para lhes não escaparem os pormenores que rodeiam a sua vida.

Com este parecer modesto mas sem dúvida mais seguro que o emitido pelos astrólogos hindus ao anunciarem o fim do Mundo, despeço-me dos leitores até ao próximo número, no qual as presentes «Notas» retomarão a feição costumada.—M. da Cunha

S. R.

Notariado Português

Secretaria Notarial de Braga

2.º Cartório

Notário: licenciado António Magro Borges de Araújo.

Certifico que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas n.º 162-C. de folhas 40 a 41 v., se encontra exarada uma escritura de habilitação notarial outorgada ontem, relativa à herança aberta em 22 de Dezembro de 1961, por óbito do Padre Agostinho Correia de Azevedo, solteiro, maior, presbítero, residente que foi na Quinta do Cruzeiro, freguesia de Soutelo, concelho de Vila Verde, na qual foram declarados únicos herdeiros do falecido seus quatro irmãos germanos Joaquim Correia de Azevedo, comerciante, Teresa da Silva Azevedo, Maria da Silva Azevedo e Emília da Silva Azevedo, estas domésticas, todos solteiros, maiores, residentes na dita Quinta do Cruzeiro.

Está conforme o original.

Secretaria Notarial de Braga, 9 de Fevereiro de 1962.

Emendei: do.

O ajudante da Secretaria Notarial

a) António Augusto de Barros

Conta registada sob o n.º 199, seg.

Sessão da Câmara de Vila Verde

de 1-II-1962

— A Câmara manda informar os Serviços de Urbanização de Braga, que mandará fazer o projecto e o pedido de comparticipação do Caminho Municipal da E. N. 101 à Igreja Paroquial de Prado em construção.

— Manda comunicar ao Arquitecto Luiz Pedro de Lima Moura Coutinho de Almeida de Eça que o Senhor Subsecretário das O. P., por despacho de 22-1-62, concordou com a sua nomeação para a revisão do antepiano de Urbanização de Vila Verde.

— Manda executar obras no posto da G. N. R. em Prado.

— Inteirada a Câmara da comunicação do Distrito Escolar de Braga de que foi incluída no programa a construção da escola com duas salas no núcleo da Igreja em Rio Mau.

— A Junta da freguesia de Valdeu pede que seja construída uma escola no lugar do mosteiro. A Câmara manda solicitar à Direcção Geral do Ensino Primário.

— A mesma Junta pede a construção de fontanários aos Serviços de Urbanização.

— A Junta de Mós pede a electrificação do lugar de Quintão. Aos Serviços Municipalizados para apresentar orçamento.

— Concede a Câmara 1.500\$00 à Junta de Freguesia para arranjo do caminho do lugar do Araújo.

— A Junta de Coucieiro concedido o subsídio de 2.000\$00 para arranjo do caminho de Quintela;

— A Junta da freguesia de S. Miguel de Prado, 1.500\$00 para arranjo do caminho de Mondariz;

— A Junta de S. Martinho de Escariz, 1.500\$00 para arranjo do caminho da Pója.

— O grupo folclórico de Vila Verde comunica que a nova direcção é composta pelos senhores: António Anselmo Gonçalves e José Luciano Soares de Sousa.

— Deliberou a Câmara encarregar o vereador snr. Mário Bancelar Alves a mandar proceder as obras que querem realizar-se na Vila de Santa Maria de Prado.

— Manda demolir o tanque público da Vila do Pico.

Venda Judicial

Boa propriedade, com moradia, terrenos de cultura, moderno Lagar de Azeite, etc.

No dia 28 do corrente, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial de Comarca dos Arcos de Valdevez, vão à praça os seguintes imóveis:

— Uma propriedade denominada «Quinta de Baixo e de Cima» com casa de morada, dependências, logradouro, terrenos de cultura, ramadas, boa água, etc., na qual se encontra instalado um bom apetrechado Lagar de Azeite, com todos os requisitos modernos e em óptimas condições de laboração, sito no Carregadouro, freguesia de S. Paio de Jolda, junto à Estrada Nacional de Ponte do Lima e Arcos de Valdevez, ao km. 33;

— Sorte de Malo, no Monte da Vália; e

— Uma Sorte, leira ou gleba, de terra de baldio na Vália, ambas situadas na supracitada freguesia, tudo no concelho dos Arcos de Valdevez.

Casa Claro

— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100

TELEPHONE, 22305 BRAGA

RIO MAU de ida e volta

por José Sebastião Corrêa de Queirós

Fim de tarde e um pedido

Tivemos, há semanas, oportunidade de passar em Rio Mau, nos fins de Outubro, um entardecer e notamos como ele é triste, com a chuva que cai em grossas bâtegas e o vento que sopra forte.

Quando lá chegamos, ainda se podia ver distintamente embora o céu estivesse escuro e a atmosfera pesada. Rapazes jogavam alegremente a bola no recinto da Feira (seu campo de futebol, improvisado). Mas daí a uns minutos, a escuridão apoderou-se de Rio Mau e a chuva começou a cair. Nada se ouvia nem via a não ser o monótono ruído das gotas de água que caíam sobre o tejadilho do nosso carro.

E aquela beleza que, de dia e, muito especialmente no Verão, Rio Mau tem, parecia não existir e dizemos parecia porque sabemos que ela existe mas que a escuridão a não deixava apreciar.

Foi mais uma confirmação para o que se diz por aí da tristeza do Inverno. Mas nós seguimos antes aquela frase de Celeste Harrison: «não admirem só a grandeza do mar mas também a pequenez da flor, que ambas as coisas foram criadas por Deus! e, por isso, admiramos o Inverno, pois também foi criado por Deus.

* * *

E agora, caros leitores, vou fazer um pedido muito em espe-

Futebol

No dia 11, no Campo Sousa Lima de Prado, realizou-se o desafio Prado-Vilaverdense.

Com o campo repleto de assistência, como sempre acontece com os dois clubes.

Afinal chegou com o empate 2-2.



C. J. Chambers

Torre de Penegate

S. Miguel de Carreiras

Compro selos usados em quantidade ou envelopes c/ os selos colados.

Somente interessam selos vulgares, nacionais ultramarinos e estrangeiros. Selos caros não compro.

150 Contos

Empresta-se na área do concelho, s/ prédio rústico ou urbano, junto ou em fracção.

Condições habituais.

Esta redacção informa.

Os possíveis interessados, deverão indicar, por escrito: Nome, Morada, e quantia que pretendam, e todos os esclarecimentos que entenderem prestar.

O melhor café e o

A Brasileira

— DE —

Mário Joaquim de Queirós & C.ª

TELEPHONE, 22013 BRAGA

cial dirigido à Câmara Municipal de Vila Verde:

Eu não resido em Rio Mau mas vou a essa linda freguesia muitas vezes, entre as quais passar as férias, pois vivem lá meus familiares e profundos laços de amizade me ligam a algumas pessoas que nela residem. Cada vez que me desloco até Rio Mau vou reparando em promenores que, aqui e ali, posso notar. Um desses promenores que, nada dignificou com Rio Mau é o mau estado em que se encontra a estrada que liga o Ângulo 40 com a Igreja da Freguesia de Rio Mau. Está mesmo digamos assim, intransitável para veículos automóveis, especialmente no Inverno.

Confio plenamente neste meu pedido porque é feito com sinceridade e posso desde já ter a certeza, e os caros leitores de Rio Mau também, que a Câmara prontamente vai mandar arranjar devidamente a referida estrada, para dar mais uma prova de bom zelamento dos interesses dos seus municípios.

Desde já agradeço reconhecido a atenção da Câmara.

Vila de Prado

Depois duma prolongada e melindrosa operação aos olhos, encontra-se, novamente, entre nós, o que nos causa grande satisfação, o Snr. Jorge Carlos Antunes Gomes, pai e sogro dos nossos amigos Manuel Maria Antunes, Jorge Maria Antunes e Miguel Jorge Cerqueira de Vasconcelos. Sinceramente lhe desejamos um pronto restabelecimento.

— Temos conhecimento que algumas pessoas de boa vontade têm corrido toda a vila angariando fundos para o altar da cripta. Esperamos ter, já no próximo mês, missa na nova igreja.

Aquilo que nos parecia um sonho está a tornar-se realidade.

Portela do Vade

Óbito — Faleceu na vizinha freguesia de Barros, José Maria Enes, um dos maiores lavradores da freguesia, e muito respeitado, sendo o seu funeral no passado sábado, dia 10. Era tio dos nossos conterrâneos José Enes de Oliveira, Rosa Enes de Oliveira e seu marido Jaime Peixoto Pimenta, e Teresa Enes de Oliveira. Os nossos sentimentos de pesar.

Casamento — Realiza-se dentro de breves dias, na nossa igreja paroquial, o casamento de Abel Bernardes de Araújo, de Afães, com a menina Teresa de Jesus da Rocha Oliveira, da Portela do Vade.

Antversário — Têm o seus aniversários natalícios as meninas Maria José e Rosalina, respectivamente nos dias 15 e 28 deste mês, filhas muito queridas do nosso amigo e industrial da Portela e assinante do «Vilaverdense», o Sr. Armando Rodrigues Peixoto. Os nossos parabéns.

Electricidade — Trabalha-se já com afinco na preparação próxima para a electrificação da nossa povoação.

Formando-se já uma comissão para conseguir os meios necessários para a comparticipação com que a freguesia tem de acompanhar o que recebe do Estado e da Câmara para fazer face à despesa.

Vacinação — Em vários pontos do concelho se tem procedido à vacinação das crianças e adultos contra a varíola, mas por aqui ainda não chegou esse benefício. Esperemos pois que certamente ha-de chegar. — C.

As mais seleccionadas árvores de fruto

(8)

As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas rosas premiadas em Concursos Internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos Grátis

Alfredo Moreira da Silva & Filhos L.ª

Rua D. Manuel II, N.º 55

Telegramas: Roselândia

Telef. 21957 — PORTO

Pastelaria BAR VILAVERDENSE

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades

Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens

Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

CORRESPONDÊNCIAS

Soutelo

Sufrágio — Na capela de Nossa Senhora das Neves, em Rendufe, Amares, e na capela pública do Seminário da Torre, nesta freguesia, foram em 8 do corrente celebradas missas do trigéssimo dia, para sufragar a alma da senhora D. Maria Cristina Ferreira Arantes, viúva de José Rodrigues de saudosa memória. Homem que seguiu a linha recta da vida, sabedor e sempre disposto a praticar o bem pelo próximo. Muito estimado e considerado em todo o concelho de Amares. Eram muitos os que se lhe dirigiam a tomar os seus doutos conselhos.

Excelente chefe de família, exemplar esposo e pai amantíssimo.

Paz às suas grandes Almas.

O Mundo não Acabou — Os sábios de rodilha na cabeça anunciaram há dias aos quatro cantos do mundo, como se o mundo tivesse cantos, que o mesmo ia ter o seu fim.

Segundo parece, foram unânimes todos os astrólogos da Índia, pelo menos não consta que algum fosse de opinião contrária.

Afinal, os planetas lá passaram uns pelos outros, saudaram-se e continuaram no seu caminho seguindo as suas órbitas, sem alterar as leis que lhes impôs o Criador, as quais nunca deixarão de se cumprir.

Os astrólogos indianos mediram mal as distâncias em que os planetas tinham de passar uns pelos outros e daí, viram uma colisão, um terrível cataclismo onde entrava também esta bola onde vivemos, que seria reduzida a torresmos.

O Mundo não acabou. Por fim, um desses sabichões, para se escapar pela janela da sofisma, visto que não saiu pela porta da sabedoria, garantiu que o Mundo poderá acabar nos próximos dois anos e meio. Quando este prazo estiver a terminar, volta o milhão e meio de indus a banhar-se no Ganges, para que purificados, os seus deuses os inspirem para não acreditarem mais nos seus sábios. — C.

Marrancos

Com o nome de Maria Fernanda foi baptizada no dia 3 do corrente uma filha de Joaquim Martins e de Deolinda de Magalhães; foram padrinhos António Pires e Maria Fernanda Ribeiro.

No dia 4 com o nome de Maria Emília uma filha de Bento de Queirós e de Laurinda da Silva; foram padrinhos José de Queirós e Rosa da Silva.

No dia 9 partiu em serviço militar para o quartel de Tavira António Cruz da Silva e para Espinho José Duarte Alves.

No lugar de Moinhos encontra-se bastante doente a Sr.^a Rosa Gonçalves; também no lugar de Arranhó devido a uma queda, fracturou uma perna a menor Maria da Piedade filha de Emídio da Silva.

Na vizinha freguesia de Arcozelo no dia 4 certos malandrins colocaram tábuas enterradas com pregos perto da Igreja Paroquial que furaram os pneus do carro do pároco quando se dirigia para celebrar, mesmo assim seguiu a pé mas encontrou todas as portas trancadas de modo que não conseguiu entrar na Igreja, tendo de celebrar na Igreja de Marrancos.

O caso foi entregue à G. N. R. — C.

Oleiros

Realizou-se recentemente na nossa igreja Paroquial o casamento de Manuel Augusto Correia de Faria e Maria de Fátima Pereira Afonso, ambos desta freguesia. O Manuel Augusto segue dentro em breve para Inglaterra, onde trabalha na cidade de Kent.

Também realizaram o seu casamento Joaquim Ferreira de Faria e Joaquina Pereira Correia, ambos desta freguesia.

Vai cumprir o serviço militar o jovem Manuel Gomes Pereira filho do nosso assinante Sr. João Fernandes Pereira.

Estão a chegar ao fim as obras da Igreja Paroquial. Já se pode admirar o tecto novo, pintado a gosto, onde se observa também uma tela de N.^a S.^a dos Anjos, e ao fundo, na fachada principal está colocado o vitral, que dá graça a todo o conjunto. Agora trabalha-se já no asseio exterior e caiamento de paredes.

Outra notícia que vai encher de júbilo todos os oleiros é que o Sr. Engenheiro da Electricidade tem andado nesta freguesia para colher os elementos necessários à organização do projecto que seguirá para Lisboa a fim de que em breve possamos beneficiar desta riqueza que é a luz eléctrica.

Para conclusão: procede-se activamente ao levantamento da calçada da estrada municipal, no lugar da Fonte, para a fazer de novo, e assim esperamos que dentro em breve os veículos automóveis possam circular livremente até ao cimo da aldeia o que é uma vantagem enorme, em caso de doença para a consulta do médico, e até para o transporte da indústria da terra — os cântaros de barro. — C.

Cabanelas

Vindo da América do Norte encontra-se de visita a sua família o nosso conterrâneo Sr. Pedro Fernandes Oliveira e esposa.

A Direcção do S. C. Cabanelas já fechou contrato com a proprietária dum terreno situado no lugar do monte, onde será o campo de futebol. E' com a maior satisfação que damos esta notícia a público, pois ela é sem dúvida, a grande aspiração dos desportistas de Cabanelas. O terreno, apesar de estar praticamente direito, ainda precisa de bastante trabalho, por isso, apelamos para a boa vontade de todos os rapazes e que no dia combinado ninguém falte. — C.

Sabariz

Continua a campanha do azulejo. Já se registaram várias ofertas... mas não chegam. Apelamos para a boa vontade de todos.

No dia 25 realiza-se o desafio com o Sabariz cujo produto reverte em favor da campanha do azulejo.

A nova direcção é formada por António Dias e João Soares.

"O Vilaverdense"

Preço anual de Assinatura

Continente	30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima)	60\$00
(via aérea)	145\$00
Outras nações (via marítima)	70\$00
(via aérea)	165\$00

Pico de Regalados

A Sr.^a D. Maria de Barros Marques, estimada esposa do Sr. Adelino Rodrigues, do lugar de Mouriz desta freguesia de São Paio do Pico, mandou pagar, adiantadamente, a assinatura do Vilaverdense, de sua briosa irmã D. Rosa de Barros Marques, ausente no Canadá. Esperamos que a Senhora do Alívio há-de recompensar esta briosa família e há-de abençoar a Sr.^a D. Rosa a quem enviamos respeitosos cumprimentos e votos de muitas felicidades.

Vilarinho

Embarcou para o Rio de Janeiro o nosso conterrâneo, António de Oliveira com sua estimada esposa, Sr.^a D. Francisca Vilela de Oliveira, que levaram na sua companhia a menina Maria do Sameiro Pimenta da Rocha que vai para junto de seu pai, Manuel Martins da Rocha, e de seu irmão. A todos desejamos muitas felicidades e um futuro venturoso.

Também partiu para o Rio de Janeiro o Sr. Mário Pimenta, que passou uma temporada no lugar de Real desta freguesia, na companhia de sua esposa, filhos e sogros.

O Sr. Pimenta tem sido bom marido e bom pai, pois durante os vários anos que passou no Brasil, teve sempre cuidado com a sua família.

Partiu para Angola, para defesa daquela província portuguesa, o soldado Manuel Alves Braga, brioso filho desta terra. Fazemos votos pela sua bravura na defesa dos interesses da nossa Pátria e esperamos um dia vê-lo nesta sua encantadora terra.

Sagrado Lausperene

Realizou-se mais uma vez o Sagrado Lausperene na nossa igreja paroquial.

Houve tríduo preparatório e confesso para reparar as almas para esta devoção ao Santíssimo Sacramento.

Durante a noite e durante o dia a igreja encontrava-se repleta de pessoas que rezavam e cantavam os louvores do Senhor.

O povo desta terra manifestou mais uma vez o seu amor a Jesus presente na Hóstia Santa.

Gomide

Realizou-se nesta freguesia a festa da Senhora das Candelas e São Brás, sendo uma no dia 2 do corrente e outra no dia 3. Como o tempo esteve bom, viu-se nesta terra grande concurso de pessoas, vindo algumas de terras distantes.

Houve tríduo preparatório e confesso, tendo-se confessado muitas pessoas que comungaram nos dias das festas. Não nos constou que houvesse qualquer acto que destoasse com a harmonia das festas em honra de Nossa Senhora e do Santo Bispo de Sebaste.

Continuam os trabalhos do prolongamento da estrada até à igreja paroquial. E' uma realização que muito vai contribuir para o progresso desta terra cujos habitantes se encontravam isolados dos grandes centros da nossa pátria.

As nossas felicitações a todos os que têm trabalhado para que este melhoramento seja uma consoladora realidade.

Ninguém nos levará a mal que, que entre todos os que, trabalharam para esta grandiosa obra, mencionemos esse filho de Gomide, o Senhor Mário Menezes, nosso brioso assinante e valoroso colaborador, que tem empregado o seu saber, o seu prestígio pessoal e até o tempo precioso de que pode dispor, para que Gomide tenha a sua estrada.

O povo de Gomide tem obrigação de ser grato a este filho da terra que tanto tem trabalhado pelo seu engrandecimento. — C.

A' Margem do Homem

Paçô

Com o nome de Gracinda, foi baptizada, em 11 do corrente e na igreja desta freguesia, mais uma filha de Manuel Fonseca Gonçalves e Adelina de Almeida, do lugar das Eiras. Foram padrinhos os tios paternos Manuel Fernandes Machado e Maria Fonseca Gonçalves.

No dia 13 do corrente, consorciaram-se na mesma igreja os nossos conterrâneos Armino Pereira e Aurora da Cunha Martins, do lugar Novo.

Felicidades. — C.

Santa Maria de Oirz

Em 23 de Janeiro, foi baptizado na nossa igreja o primeiro filho de Manuel Torres da Silva e Maria Alzira Fernandes, do lugar do Cabo.

Ao neófito, que recebeu o nome de Zeferino, foram padrinhos os tios maternos João Fernandes da Silva e Rosa Fernandes da Silva.

Quando há dias procurava descer duma parede de vedação do passal, por esta se ter desmoronado, ficou bastante contusa e com lacerações graves causadas pelas pedras que lhe caíram sobre as pernas, a jovem Teresa de Jesus Martins da Silva, do lugar da Igreja.

Felizmente, por a tempo ainda lhe valerem, escapou de morte certa e, dos ferimentos, está em franca convalescência.

Com 72 anos de idade, faleceu no lugar do Carvalho, onde residia, a Sr.^a Laura Martins, depois de longos meses de sofrimento.

Paz à sua alma. — C.

S. Pedro de Valbom

Finalmente chegou a vez de esta freguesia ser dotada com escola decente, pois no passado dia 5, começaram já os trabalhos das fundações para o edifício escolar, no lugar de S. Bento. — C.

S. Miguel de Oriz

Com o nome de José Maria, foi em 28 de Janeiro baptizado mais um filho de Albino da Silva e Maria Fernandes, do lugar de Portela.

Foram padrinhos José Maria Mendes e Maria do Céu Fernandes da Costa, de Boi-Morto. — C.

« O Vilaverdense »

Encontra-se à venda:

Em Prado:

Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção.

Em Vila Verde:

Na Livraria Rainha.

Em Braga:

Na Tabacaria do Café Sporting.

FREIRIZ

e sua onomatologia

Prefende-se com mais este artigo (se tal nome merece) dar uma conclusão ao estudo dos topónimos desta freguesia em que ela é rica como aliás já foi notado (1).

Trata-se, repito, da conclusão do estudo e não do assunto pois que este é vasto e bem merece ser estudado por alguém que tenha gosto e pachorra para estas coisas tão interessantes.

O mais importante neste ponto já foi estudado mas isto não obsta a que se vá mais além, até antes pelo contrário em vista de vários caminhos ou pistas já estarem à vista.

Durante cerca de dez anos foi feita por mim uma cuidadosa colheita dos ditos topónimos extraídos dos livros paroquiais, documentos antigos na mão de particulares e sobretudo na respectiva Matriz Predial. O resultado foi compensador pois a sua soma passou de 130.

Dito isto, há que sem mais delonga dar uma fugidia volta por aqueles de que ainda se não tratou.

Temos então: Almas (campo sito no lugar do Nicho e assim chamado popularmente por antigamente ter numa sua testeira um nicho com um motivo iconográfico-religioso) (2). Ana (sito no mesmo lugar e assim documentado num livro de "Conciliações, pertencente ao antigo julgado de paz de Marrancos), Barbedão, Beirigo (nome germânico e antropónimo designativo dum seu antigo possuidor), Barge (corrupção de várzea — terreno fértil e cultivado), Contrucide (corrupção de "contra-suso, ou susão, isto é: campo do lado do sul?), Carredal (local onde se desenvolvem ou desenvolveram cardos ou cardos — planta espinhosa), Chãos e cháozinhos (do latim "plamus, terreno plano) (3), Calvinos (de "calvinhos, — terreno escaldado e sem vegetação?), Cachada e Cachadinha (de "cachar, — arrotear terrenos improdutivos), Coices (de "calices, designando nascentes de água?) (4), Cornexim, Contrucide ou Contrucil (corrupção de "contra-sul, isto é campo do lado sul), Estrada, Funico, Forno (assim documentado no

"Livro das Missas perpétuas, pg. 6), Freitedo (corrupção de "freixedo, local de freixos?), Fontões (por oposição a Fonte), Guinheiro (por "gueiro, ou "agueiro, — rego mór por onde se regula as águas de lima e rega) (5), Gandara e Gandarela, Gareio (corrupção de "agueiro, — local onde se juntam muitas águas?), São José (porque a primeira casa lá feita foi dedicada a esse santo), São João (local da antiga freguesia), Junqueira (local abundante em "juncos.), Levada (local por onde passam águas. Está documentado no citado "livro das Missas.), Macoco, Marta, Manguela, Migino, Novelhos, Pinouços (de "pina, ou "pena, — pequenos penedos), Portelo, Pedreira, Pessa (vide "Sinopse das ponsões consuárias... pertencente ao cartório paroquial), Pachão, Pradinho, Reconco (corrupção de "ronco, ou "ronqueira, isto é local alcançado onde a ventania faz barulho?), Regadas, Regim (nome germânico) (6), Roupeiro (algunha dum seu possuidor. Tratar-se-á dum corrupção de "rampeiro, isto é: terreno em declive?), Regueira, Rodrigo, Sardoal, Salgueira, Trelorio (de "transrio — terreno sito depois do rio ou ribeiro), Têso (por aí morar em tempos passados um indivíduo com essa alcunha), Vagineiros (corrupção da Varziela-várzea pequena), Xisto (terra xistosa, pedregulhenta), Vinhal, etc. etc.

N. M.

(1) Vide "Vilaverdense, de 11-9-960, 15-1-961 e 13-8-961.

(2) O Sr. José Pereira — o Leandra — afirmou-me que a pedra dessas alminhas é a que está actualmente no cemitério, na parte norte a servir de nicho para a imagem do Crucificado.

Note-se a propósito que era em frente dessas alminhas que estava o cruzeiro paroquial para onde se dirigiam as processões da igreja.

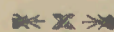
(3) O povo diz "Chousinho, e neste caso virá de "chausus, isto é: terreno fechado com sebe.

(4) Vide António Losa in "Denominação Árabe... pg. 16 e P.^o Arlindo Cunha in "Acção Católica, de 1943, pp. 24.

(5) Às vezes aparece "Galinheiro, por engano do copista.

(6) Vide J. Piel in "Nomes germânicos...

Sala de Chá



Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

DOÇARIA

LUSITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 23300

e Jardim de S.ta Bárbara

BRAGA

Qual a razão

porque não é construído o Hospital de Vila Verde

(Continuação da primeira página)

Nós somos um povo de nacionalidade que damos e daremos lições ao mundo. Não nos queiram fazer numa cópia da socialista assistência estatal europeia.

Essa não é a doutrina do Estado Novo; esse não é o princípio em que o Estado Novo está a organizar a sua assistência; são vozes discordantes e pouco felizes.

Todos os Directores de serviços oficiais de assistência que têm visitado o Hospital de Vila Verde ficam admirados pela grandiosa obra de assistência hospitalar realizada em instalações tão precárias.

Poucos Concelhos têm uma assistência hospitalar como a de Vila Verde. Oficialmente, em ofício, foi prometido à Mesa da Misericórdia que em 1961, seria comparticipada a construção do novo Hospital.

O senhor Ministro de Saúde e Assistência aprovou o ante projecto do novo Hospital sub-regional.

A Mesa da Misericórdia, firmada nessa promessa de que não podia duvidar, depois de tantos anos de diligências, lançou um apelo ao povo, que, num ano de crise da lavoura, fez um Cortejo de Oferendas que rendeu perto de quatrocentos contos.

O povo agora clama, desespera na sua fraca sorte.

Terras mais ricas, industriais, não correspondem nos seus cortejos como Vila Verde.

Somos desprezados, postos de parte, não temos homens de influência que saibam defender os nossos interesses e direitos? Mas não deixaremos de crer no Estado Novo.

Temos de construir o novo Hospital de Vila Verde

Fomos um povo revolucionário noutros tempos. Hoje, temos o fogo na alma pelo bem e na ordem, mas ainda somos capazes de dar uma lição.

Há dois caminhos a seguir. Primeiro, o Estado comparticipa o novo Hospital, e não imagina como lhe ficarem gratos, como beijarem essas pedras, padreiro junto dos nossos sacrifícios, do nosso serviço ao Estado Novo e à Pátria. Como esqueceremos a nossa pobreza, as dificuldades em que a nossa lavoura vive. Contentámo-nos com pouco. Nas presentes circunstâncias nacionais, por motivos superiores, não pode dar a comparticipação?

Tem a Misericórdia de Vila Verde em cofre cerca de mil duzentos e cinquenta contos; tem um terreno para a construção que vale mais de quatro-

centos contos, cuja compra, pere esse fim, foi comparticipada pelo Estado.

Autorize a construção da primeira fase — que será a obra de pedreiro e cobertura do edifício.

Dê, se puder uma comparticipação simbólica, e depois comparticipa definitivamente, quando as circunstâncias o permitirem.

Assim dá-se uma satisfação a um povo, que a exige com toda a justiça.

O segundo caminho é de nos lançarmos à obra quer o Estado comparticipa ou não comparticipa, desde que o projecto foi feito pelas Entidades Oficiais.

Venderemos as nossas rotas camisas, procuraremos ver se alguém ainda dá alguns escudos sobre as nossas empenhadas enxadas e rudimentares charreues. Mas saberá o País que existe um povo pobre, mas que confia em si mesmo.

E também seremos capazes de sustinhamos, se tal abandono fosse concebível, aguentar o nosso Hospital, enquanto as nossas contribuições iam para construir hospitais noutras terras menos importantes do que a nossa, e com menos jus.

Prejuízos da delonga

Não sei se a moeda se desvaloriza ou não, isso é para os homens das finanças. O que eu sei é que, na nossa região, a construção civil subiu mais de vinte por cento no último ano.

Assim, um Hospital de quatro mil contos, custa mais oitocentos contos. Tendo a Misericórdia de comparticipar com vinte e cinco por cento, segue-se que o Estado, não tendo feito a construção há um ano, perdeu seiscentos contos e o dinheiro em cofre da Misericórdia perdeu duzentos contos. E assim se continuarão os prejuízos com o dinheiro parado em cofre à espera de uma obra.

Em conclusão

Comparticipa o Estado a construção do Hospital de Vila Verde, é de toda a justiça, não faz mais do que cumprir promessas feitas durante dez anos a um povo a quem deve obrigações.

Se não tem possibilidades económicas na presente conjuntura nacional, autorize a construção da primeira fase com o dinheiro que a Misericórdia tem em cofre, e quando lhe for possível, o Estado continue a construção com a comparticipação que lhe é devida.

Ainda continuamos a crer, a esperar nos homens do Estado Novo, nas suas obras e nas suas palavras. E assim teremos o novo Hospital.

Movimento da Secção de Finanças deste Concelho

Foram promovidos a terceiros oficiais os senhores Silvestre da Costa Cerqueira e colocado na Direcção de Finanças de Braga, Carlos Almeida Soares de Azevedo, colocado na Direcção de Finanças em Bragança. Funcionários inteligentes e dedicados, a quem o povo deste Concelho muito deve. Na sua despedida, foram justamente homenageados e foi-lhes oferecida uma recordação por todos os seus colegas e amigos.

Fomaram igualmente posse de aspirante de Finanças deste concelho o senhor António Anselmo dos Santos Gonçalves, um vilaverdense cheio de bairrismo, todo dedicado ao serviço da sua terra, nosso dedicado assinante e bom funcionário, que veio da Secção da Marinha Grande; e o senhor Ulisses Valtier da Silva, que iniciou, como aspirante, a sua vida de funcionários nesta terra.

Aos antigos funcionários, amigos de «O Vilaverdense» e aos novos, desejamos muitas felicidades.

Voando até ao Brasil

(Continuação da primeira página)

O Presidente da Assembleia propôs um voto que fora unanimemente aprovado por todos os deputados: «Que o Brasil esteja com Portugal, como Portugal tem estado com o Brasil no decorrer dos séculos..»

Cá fora do Palácio Tiradentes, um grupo de «barnabés», ou seja o funcionário público mais baixo, ostentava cartazes a pedir aumento de salário, com muitas legendas entre as quais se lia uma: «Enquanto um engorda outro aperta o cinto..! É a verdade é que conseguiram que o salário fosse aumentado de 9.900 cruzeiros para 14.000, mas... tudo aumentou, o poder de compra diminuiu e as coisas começaram a correr pior. Enfim, cidade dos contrastes!..»

Em seguida dirigimo-nos para o Palácio do Governador, Carlos Lacerda. A nossa caravana foi-lhe apresentada pelo dr. Felner da Costa, director do Centro de Turismo Português no Brasil. Visita simpática veemente desejada por nós. Pois, quem não ouviu falar de Carlos Lacerda?

Tribuna fogoso, jornalista de talento notável, desasombrado anti-comunista de renome internacional, homem com quem o Brasil pode contar, que já derrubou dois Presidentes, Getúlio Vargas e Jânio Quadros, e que assumiu o Governo de Guanabara num momento difícil. Aquele que ainda há pouco dizia que se o comunismo vencesse no seu Estado havia de defender-se até ao último tiro da sua pistola sem medo de fiar retalhado ao serviço da causa nobre da sua Pátria.

O Rio é uma cidade cheia de problemas. Os jornais esquerdistas todos os dias falam neles, para desacreditar o Governador. Isto a nós causa-nos surpresa, mas Carlos Lacerda é optimista e não se surpreende.

Nesse mesmo dia, certo jornal inseria a cinco colunas uma epigrafe nestes termos, mais ou menos: «Enquanto a cidade do Rio está sem água e entre montões de lixo, Carlos Lacerda vai passear três meses..!»

Afinal de contas, o Governador apenas comunicara a ausência de seis dias para tratar de assuntos referentes ao seu Estado em Nova Iorque.

Por um da nossa caravana minhota foi oferecida uma recordação ao Governador saudando-o como um grande amigo de Portugal. Nessa altura Carlos Lacerda fez um brilhante discurso em que mostrou os laços fortes que o prendiam à Mãe-Pátria e que os brasileiros apenas continuam a formar uma nação que os portugueses criaram e, por isso, não serão capazes de negar a sua ascendência. Para vós — portugueses — as portas do Brasil estão abertas de par em par.

Vimos satisfeitos desta visita ao Governador. Prometeu estar conosco à noite na Casa do Minho.

Entretanto nós passamos pela Associação Brasileira de Imprensa para cumprimentar o Sr. Helbert Moses, que nos recebeu alegremente trocando-se saudações amistosas, vinculando-se o espírito de camaradagem que une a imprensa portuguesa à brasileira.

Fomos então para a Casa do Minho, recebidos pelo seu director Manuel Miranda de Matos, saudamos a chegada de Carlos Lacerda que entrou no meio de uma efusante salva de palmas, acompanhado pelo Consul de Portugal e pelo deputado Levy Neves.

O grupo folclórico exibiu, com todo o sabor português, «Jota de Carreço», «Dia de Santa Marta», «Chula de Viana», e «Chula Nova».

Em seguida o dr. Felner da Costa agradeceu a presença do Sr. Governador, entregou-lhe uma flâmula da Casa do Minho, assim como a todos nós, flâmulas que Carlos Lacerda autografou, escrevendo até na de um sacerdote presente: «Rezem por nós!..»

Depois de um copo-de água e de uma visita à casa dirigimo-nos para a «Charruscaria Gaúcha», onde a Casa do Minho nos ofereceu o jantar a que presidiu o Sr. Dr. António Pinto de Mesquita, Consul de Portugal.

Terminou com uma troca de brindes, de sabor patriótico, essa noite memorável que passamos no Brasil.

EXPLICAÇÃO

Há tempos, parecendo-me que à colaboração de «O Vilaverdense» faltava qualquer coisa de eclético, qualquer coisa que levasse o leitor para além dos argumentos puramente locais, que o libertasse da atmosfera restrita do campanário para o fazer ver e apreciar os problemas que, hoje, interessam a todos e, também, animado por quem, então, dirigia o jornal, rabisquei alguns artigos imperfeitos na forma mas oportunistíssimos no fundo, que o «Vilaverdense» publicou. Depois, logo que verifiquei que o jornal começava a apresentar uma colaboração mais variada e de qualidade de cada vez mais elevado, retirei-me da lição não só para poupar o espaço exíguo da folha como também para me furtar ao cotejo, desvantajoso para mim, com os novos colaboradores. Mas houve, ainda, dois outros motivos que concorreram para que tomasse tal resolução. Um era que, sendo colaborador, a Administração recusava-se a aceitar-me dinheiro pelo jornal que me mandava e, como entendo que o «Vilaverdense», para subsistir, precisa mais de dinheiro do que de linguados com prosa muitas vezes só digna do cesto dos papéis velhos, preferi ficar apenas como assinante, certo de que assim, sou mais útil ao jornal e digo útil porque tenho sempre paga, adiantadamente, a minha assinatura como é meu dever.

Quando ao terceiro motivo que foi mesmo o golpe de misericórdia nas minhas pretensões jornalísticas, encontrei-o num crítico, aliás abalisado, que entendeu reprovar-me por ter lido num dos meus artigos o advérbio ontem escrito à maneira antiga ou seja «hontem». Parece-me já ter dito, num dos meus escritos aqui, que a minha cultura é limitada. Saí da escola primária aos dez anos de idade, para, poucos meses depois, ir para a Brasil ganhar o pão que o demo amassou com o rabo, como lá se diz. Isto ainda no reinado de D. Carlos. No meu tempo de escola era, ainda, a ortografia etimológica ou mixta

a que vigorava. Eram as consoantes duplas em muitíssimas palavras e, nas de étimo grego o PH a servirem de F e o TH de simples T. O Y grego e o K, hoje eliminados do nosso alfabeto eram letras vivas como as outras e, sendo assim, é óbvio que se tornava mais difícil escrever correctamente, naquele tempo, do que actualmente com a ortografia em uso. Poucos anos decorridos houve, em Portugal, uma reforma ortográfica que o Brasil não seguiu pois ali continuou-se a escrever, durante os vinte anos que lá me conservei, à moda antiga, ou seja da mesma forma como escreveram Herculano e Camilo, Rebelo da Silva e Cândido de Figueiredo, Junqueiro e toda a pleiade de escritores que esmaltaram o firmamento das letras portuguesas até aos primórdios do século vinte.

Vindo para a minha pátria que muito amo, tem-me sido difícil adaptar-me à maneira de escrever actual pois, infelizmente, já não estou em idade de aprender coisas novas. Por isso não posso fugir a escrever, de quando em vez, a minha asneira... Mas será minha a culpa? Assim como ao vermos certas mulheres de hoje semi-vestidas (e muitas vezes só para exibirem imperfeições) e entregues como endemoninhadas aos requebros do chá-chá e do «twist», sentimos a nostalgia da mulher antiga recatada e senhoril, também, pelo menos eu, ao ver tantas palavras do nosso léxico despidas da formosa roupagem que a etimologia lhes dava e que as revestia de nobreza e dignidade, julgo, embora em erro, que foi praticada uma profanação e será por imposição do meu sub-consciente que a minha mão ao escrever se deixa levar pelo mesmo impulso que a conduzia, há bons sessenta anos, quando copiava trechos da velha selecta.

A sabedoria está em calar e por isso, tenho estado silencioso. É que tenho medo dos críticos como o diabo tem da cruz!

A. S. S.

ATÉ QUE ENFIM...

(Continuação da primeira página)

encantado com o nosso país. Por mera casualidade o autor destas linhas estava presente e proporcionou ao casal dois dedos de conversa, mas não deixou de ficar envergonhado quando, junto já dum «banco» a senhora fingiu sentar-se dizendo-nos com ares de galhofa;

— A guerra civil de Espanha foi para além do Minho ou atingiu também as margens do Cávado?

Bem parece que o Largo Comendador Sousa Lima fora assolado pela barbárie comunista, desenfreada e cega, procurando deixar vinculadas as marcas da sua fúria destruidora, quebrando, partindo, arruinando... mas, afinal, temos vivido em paz!

Ainda bem que agora este estado de coisas se vai remediar.

Também assim era aqui atrás nos assuntos referentes à Junta de Freguesia. Houve, porém, uma mudança e com ela começou uma época de progresso. Quem se não lembra do Cemitério de Prado? Parecia um matagal: até coelhos criava! Pois hoje, graças à acção persistente do Sr. Francisco Vieira, devotado Presidente da Junta, este local pode ver-se, embora se tenham gastos cerca de 60 contos que apareceram sem dificuldade.

O Sr. Vieira vive, como ninguém mais — digamo-lo em abono da verdade — os problemas de Prado e está sempre a fazer valer os seus direitos junto da Ex.ª Câmara Municipal. Como ninguém, tem vivido igualmente o problema do jardim e espera, dia a dia, com ansiedade, que a remodelação comece. Embora saiba e reconheça que isto seja da competência do Município, ele não se cansa de fazer lembrar a necessidade e urgência da obra porque... o jardim está na sua terra! A autoridade de

que é constituído não serve apenas para assinar de cruz e fazer propaganda eleitoral ao serviço dos interesses nacionais. Vai mais longe: também quer o progresso material da sua terra, doutra forma não faria sentido o lugar que ocupa. Por isso é exigente... sem se importar de tantas vezes ser incompreendido.

Ainda bem que ao Senhor Vereador por Prado já foram dadas ordens para estudar o local, fazer remover a terra e estudar o risco para um jardim novo. Congratulamo-nos com isso, e, em sabendo esta notícia, não pudemos deixar de escrever estas linhas e mostrar, com algumas fotografias ao acaso, a todos os que se mostrem contrários a obras de alindamento que há coisas deste género que também são de primeira necessidade. Fazer novas estradas é muito bom... mas conservar o que está feito é um brio que fica bem.

Se assim não fora, dentro de pouco anos não haveria orçamento possível que aguentasse com os encargos dum concelho em desmantelamento.

Obrigado, Senhor Presidente. O povo de Prado está-vos muito grato por ver esta sua velha aspiração satisfeita dentro em breve.



O tal... de gostinho especial!



Nos dois sentidos: Nascente-Poente



Não é um canhão de 1914. Foi um fontenário há muitos anos.



Não é um jardim na Primavera. É um matagal de sempre.